

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A VIA

INSTITUTO A VIA

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA

JAQUELINE DE AGUIAR GONÇALVES

PROCESSOS DEFENSIVOS DO EGO – DO SOFRIMENTO AOS SINTOMAS.

Artigo apresentado ao Curso de Psicanálise Clínica, do Instituto de Psicanálise AVIA Minas Gerais, em conclusão da formação teórica.

BELO HORIZONTE

2024

PROCESSOS DEFENSIVOS DO EGO – DO SOFRIMENTO AOS SINTOMAS

Jaqueline de Aguiar Gonçalves

RESUMO: Pretende-se com este artigo demonstrar o papel do ego de se conservar com vida e como mantenedor do equilíbrio mental, considerando os desafios enfrentados por ele, para lidar com os estímulos internos e externos, e encontrar uma alternativa para a satisfação dos impulsos, que atenda as exigências do superego e do mundo exterior, com o mínimo possível de adoecimento. Propõe-se traçar um caminho sucinto da atuação do ego, desde os conflitos psíquicos até os sintomas, apresentando os principais perigos enfrentados que motivam o uso dos mecanismos de defesa e as possíveis consequências em forma de sintomas. Considera-se que os sintomas são a expressão dos principais desejos não satisfeitos e, portanto, um aliado para o autoconhecimento. Presume-se que exista uma ação mais apropriada do ego em suas defesas, e que o conhecimento dos mecanismos de defesas é de extrema importância para a aplicação da técnica psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: O sofrimento, Mecanismos de defesa, Sintomas, Psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

O tema mecanismos de defesa é de extrema importância para a psicanálise, na obra Freudiana temos a explicação de todos os aspectos referente ao funcionamento psíquico e o tema das defesas é valioso para a teoria, através dele podemos entender a dinâmica das relações do eu, o que influencia suas decisões e por conseguinte nossos comportamentos. Mas afinal, porque precisamos tanto nos defender?

Para a psicanálise, existem diversos aspectos relacionados a essa questão, o fato é que em nossas relações lidamos a todo momento com estímulos que nos ameaçam, questões que vem de dentro de nós mesmos e questões que vem de fora, há algo em mim que não me serve e que não serve para o mundo e para garantir minha autopreservação é melhor me defender, fugir ou me abster. Em nossa psique, o ego é o responsável por lidar com esses estímulos internos e externos que se portam como ameaças e geram conflitos, dor e angústia, e para combater o sofrimento e manter o equilíbrio da nossa mente, o ego utiliza ferramentas ou estratégias conhecidas como mecanismos de defesas.

O ego tem o objetivo de fugir ou transformar o intolerável, podemos negar, fugir, atribuir ao outro sem assumir nossas responsabilidades, podemos viver em um mundo paralelo da fantasia onde tudo é perfeito, mas essas alternativas nem sempre são opções eficazes para lidar com nossos problemas. Muitas das nossas dificuldades diárias, impressões, sentimentos, frustrações, comportamentos, são influenciados por estímulos inconscientes que se encontram em uma parte obscura e inacessível da nossa mente, nos quais não temos condições de lidar com elas de forma consciente e adequada e por isso adoecemos.

Neste artigo, baseado na teoria psicanalítica, abordaremos os mecanismos de defesa, suas características, motivações e funções, traçaremos o caminho da defesa que se inicia logo que o ego se depara com a demanda da pulsão, até a formação do sintoma como forma de satisfação substitutiva. Buscaremos revelar as possíveis situações favoráveis para tomada de decisões mais adequadas do ego frente ao sofrimento, bem como mostrar a importância do conhecimento dos mecanismos de defesa para a aplicação da psicanálise.

2. O SOFRIMENTO

No texto o mal-estar na civilização (1929), Freud aborda a questão fundamental sobre a que está relacionado o propósito e a intenção da vida do homem e diz:

O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra 'felicidade' só se relaciona a esses últimos. Em conformidade a essa dicotomia de objetivos, a atividade do homem se desenvolve em duas direções, segundo busque realizar - de modo geral ou mesmo exclusivamente - um ou outro desses objetivos (Freud, 1929, p.48).

Para Freud (1920) não é possível definir com certeza sobre a qual sentimento se refere o prazer ou o desprazer, mas é algo que se encontra em um lugar obscuro da mente da qual não podemos evitar contato e a identificamos pela quantidade de excitação - o excesso de excitação representa sofrimento e a descarga alívio e prazer - a nossa psique se coloca em atividade toda vez que se depara com uma tensão desagradável e o ego age afim de eliminá-la e evitar o desprazer.

A excitação está relacionada a exigência da pulsão ou impulso sexual, Freud (1939) diz que os impulsos sexuais, são forças que existem por trás das tensões de necessidade do isso, eles representam as exigências físicas feitas à vida psíquica, embora sejam a causa última de toda atividade, são de natureza conservadora, de cada estado que um ser alcançou, resulta uma ânsia de restabelecer esse estado tão logo ele tenha sido abandonado.

Porém, é preciso entender que a satisfação plena das pulsões não é algo alcançável, Freud (1920) explica que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, para a autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, ineficaz e perigoso, sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade, que não abandona a intenção de obter prazer; mas exige e efetua o adiamento da satisfação, e o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer.

O poder do isso, diz Freud (1939), expressa o autêntico propósito vital do indivíduo que consiste em satisfazer as necessidades inatas, o ego tem o propósito de se conservar com vida e de se proteger por meio do medo dos perigos e para isso ele tem de descobrir o gênero

de satisfação mais favorável e mais isenta de perigo, levando em conta o mundo exterior e ainda o superego cuja função principal é a restrição das satisfações.

Anna Freud (1986) diz que os perigos pulsionais contra os quais o ego se defende são sempre os mesmos, mas suas razões para sentir que determinada irrupção de pulsão é perigosa podem variar, um dos motivos pelos quais o ego teme as pulsões é porque ele também teme o seu superego que possui uma força temível, ele fixa um padrão ideal, onde a sexualidade está proibida e a agressão é declarada antissocial, exige a renúncia sexual e restrição da agressão, que é incompatível com a saúde mental.

Assim, para Freud (1923), não é contradição que, empreendendo a repressão, no fundo o ego esteja seguindo as ordens do superego, ordens que, por sua vez, se originam de influências do mundo externo que encontraram representação no superego, o ego tomou o partido dessas forças, de que nele as exigências delas têm mais força que as exigências instintuais do id, o ego entrou em conflito com o id, a serviço do superego e da realidade.

Outro motivo, de acordo com Anna Freud (1986), para o ego considerar a exigência pulsional perigosa é pela sua força, o ego adulto requer uma espécie de harmonia entre os seus impulsos, mas existem uma série de conflitos entre tendências opostas, tais como homossexualidade e heterossexualidade, passividade e atividade. Freud (1929) diz que existe uma inata inclinação humana para a ruindade, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade, a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva original e auto subsistente, é o maior impedimento à civilização.

Nesse sentido Freud (1923), diz que a repressão baseia-se em motivos estéticos e éticos; os impulsos sujeitos à repressão são os do egoísmo e da crueldade, que em geral podem ser resumidos como o mal, porém, acima de tudo, impulsos desejosos sexuais, frequentemente da espécie mais grosseira e proibida, o progresso em conhecimento tornou ainda mais claro o enorme papel desempenhado na vida mental pelos impulsos desejosos sexuais, e levou a um estudo pormenorizado da natureza e desenvolvimento do instinto sexual.

Finalmente, Anna Freud (1986) também considera a pulsão perigosa pelos afetos associados a ela, a gratificação pulsional é sempre algo agradável, mas um afeto pode ser agradável ou doloroso, segundo a sua natureza, o ego estará pronto a rechaçar os afetos associados a impulsos sexuais proibidos, no caso de implicarem sofrimento como dor, nostalgia, mágoa, por outro lado, poderá resistir mais tempo a uma proibição no caso de afetos positivos, simplesmente porque são agradáveis, ou pode ser algumas vezes persuadido a tolerá-los por um curto período, quando fazem uma súbita irrupção na consciência.

Freud (1984) conta que as pacientes que ele analisou gozavam de boa saúde até o momento em que houve incompatibilidade em sua vida representativa, isto é até que seu eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um efeito tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não acreditava na sua capacidade de resolver a contradição entre a representação incompatível e o seu eu por meio da atividade do pensamento.

Anna Freud (1986) diz que se a pulsão pudesse obter a gratificação, apesar da oposição pelo superego ou do mundo exterior, o resultado seria, em primeiro lugar, prazer, de fato; mas, secundariamente, dor, quer em consequência do sentimento de culpa emanando do inconsciente, quer pela punição infligida pelo mundo exterior, por isso a defesa é levada a cabo de acordo com o princípio de realidade, sua principal finalidade é evitar essa dor secundária.

Logo, o sofrimento se faz presente, Freud (1929) apud Theodor Fontaine resume muito bem essa realidade quando diz que a vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós, nos proporciona muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis, e para suportá-la, precisamos de medidas paliativas e não podemos passar sem construções auxiliares, sendo assim, entendemos que a ação das defesas do ego é vista como uma esperança, um alento, uma medida auxiliar diante da possibilidade de tanto sofrimento.

3. AS DEFESAS

Os mecanismos de defesa são portanto estratégias que o ego utiliza para lidar com todo esse conflito a qual está exposto, Freud (1925) explica que alguns processos defensivos são análogos a fuga por meio da qual o ego se afasta de um perigo que o ameaça de fora, são uma tentativa de fuga de um perigo instintual, enquanto outros assumem uma linha mais ativa de autoproteção, travam debate com o problema do processo instintual ameaçador, suprimindo ou desviando ele de seus objetivos, tornando- o inofensivo.

O ego tem o propósito de nos proteger do sofrimento dominando as fontes internas das nossas necessidades, Freud (1939) fala que a tarefa de proteção é cumprida para fora quando o ego toma conhecimento dos estímulos - armazena a experiência sobre eles na memória, evita os muito intensos por meio da fuga, confronta os moderados por meio da adaptação e modifica o mundo externo em seu favor - e cumprida para dentro em relação ao id na obtenção de domínio sobre as exigências dos impulsos decidindo se deve adiar, reprimir ou admitir a satisfação dessas exigências.

Anna Freud (1986) enumera dez métodos defensivos mais comuns, que ficam à disposição do ego, são eles: a regressão, o recalçamento, a formação reativa, o isolamento, a anulação, a projeção, a introjeção, a inversão contra o ego, a reversão e a sublimação - especificaremos cada método e suas características conforme os escritos de Freud e Anna Freud.

De acordo com Anna Freud (1986) a regressão é o método defensivo usado pelo ego quando ao precisar repelir certas moções pulsionais ele regride a fases anteriores do seu desenvolvimento psicosexual, além disso, Freud (1923) explica que é do mundo de fantasia que é encontrado material para novas construções de desejo e geralmente encontra -se esse material pelo caminho da regressão a um passado real satisfatório.

Já o recalçamento para Anna Freud (1986), consiste na manutenção fora do ego consciente - ou na expulsão - de uma ideia ou afeto que cause conflitos. Quando o recalçamento ocorre o ego está lutando contra estímulos pulsionais, a ideia objetável é lançada de novo no id, existe a exclusão da consciência dos representantes ideativos de seus impulsos sexuais. É a defesa mais utilizada por ser capaz de dominar poderosas moções pulsionais, em face das quais outras medidas defensivas não são eficazes, atua uma única vez, embora o contra investimento, efetuado para garantir o recalçamento, seja uma instituição permanente, que exige um dispêndio constante de energia.

Uma dessas medidas de contra investimento seria a defesa chamada formação reativa, Anna Freud (1986) diz que essa defesa auxilia o ego contra o regresso desses impulsos que foram recalçados, nela formas proibidas de gratificação são trocadas por outros modos de fruição, o ego serve-se da capacidade de inversão da pulsão - simpatia em vez de crueldade, timidez em lugar de exibicionismo - quando bem sucedida, é uma das mais importantes medidas adotadas pelo ego que nada sabe sobre a rejeição do impulso ou sobre o conflito geral que resultou na implantação dessa nova característica, essas formações aparecem, quase sem se anunciarem, no decorrer da evolução infantil.

Outro mecanismo de defesa muito importante usado pelo ego, é o isolamento, conforme Anna Freud (1986) nesse método defensivo o ego simplesmente remove as moções pulsionais do respectivo contexto, enquanto as retém na consciência, corta todos os vínculos entre as suas associações e isola as ideias dos afetos. O indivíduo é capaz de falar sobre determinado assunto mesmo em estado de resistência, mas quando fala, suas associações parecem insignificantes pelo isolamento dos afetos.

Já no método defensivo chamado projeção a ideia objetável é projetada para o mundo externo, Anna Freud (1986) conta alguns casos clínicos em que os pacientes usavam essa defesa:

O ódio que sentira pelos objetos femininos de amor ou seus substitutos transformou-se na convicção de que ela própria era odiada, menosprezada ou perseguida por aqueles. O seu ego, assim, encontrou alívio em relação ao sentimento de culpa. A criança traquina e rebelde, que alimentava sentimentos perversos contra as pessoas à sua volta, sofreu a metamorfose, convertendo-se em vítima de crueldade, negligência e perseguição (Anna Freud, 1986, p.39).

Na visão de Freud (1920), nesse mecanismo, é adotada uma maneira específica de lidar com quaisquer excitações internas que produzam um aumento demasiado grande de desprazer; há uma tendência a tratá-las como se atuassem, não de dentro, mas de fora, de maneira que seja possível colocar o escudo contra estímulos em operação, como meio de defesa contra elas.

Na defesa chamada introjeção, ocorre o oposto da projeção, onde características do objeto causador de angústia são introjetadas e começam a fazer parte da personalidade, Anna Freud (1986) também demonstra esse fenômeno em um de seus casos clínicos:

” uma criança introjeta certa característica de um objeto causador de angústia e, assim, assimila uma experiência de angústia que acabou de sofrer. Ao personificar o agressor, ao assumir seus atributos ou imitar sua agressão, a criança transforma-se de pessoa ameaçada na pessoa que ameaça. A inversão dos papéis de atacante e atacado era, nesse caso, levada à sua conclusão lógica (Anna Freud, 1986, p.84).

Nesse aspecto da introjeção, sob uma perspectiva das exigências internas, quando impulsos agressivos buscam satisfação, segundo Freud (1929) a agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego, aí, é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como superego que põe em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos, a tensão entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição.

Como complemento da projeção e da introjeção, atua a defesa chamada Inversão contra o ego, em Anna Freud (1986) vemos que os sentimentos ameaçadores contra o outro sofre uma inversão e passam a ser sentimentos de ameaça contra o eu, a autora demonstra essa defesa no caso clínico do pequeno Hans: “a inversão de sua própria ameaça ao pai, quer dizer, a transformação dessa ameaça em angústia causada pelo medo dele próprio ser ameaçado pelo pai” (Anna Freud, 1986, p.56).

Existe ainda a defesa chamada reversão em seu oposto, Freud (1915), explica que essa estratégia diz respeito apenas às metas da pulsão; portanto afeta apenas a finalidade do instinto, ocorre a passagem de uma pulsão da atividade para a passividade a finalidade ativa torturar, olhar, é substituída pela finalidade passiva ser torturado, ser olhado e atormentar, contemplar, é substituída pela passiva: ser atormentado, ser contemplado, a reversão de um instinto a seu oposto transforma-se em dois processos diferentes: uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão de seu conteúdo, os dois processos, sendo diferentes em sua natureza, devem ser tratados separadamente, encontram-se exemplos do primeiro processo nos dois pares de opostos: sadismo-masochismo e escopofilia-exibicionismo e sobre reversão do conteúdo encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio.

Por fim, falemos da defesa chamada sublimação, para Anna Freud (1986), esse mecanismo refere-se ao deslocamento da finalidade pulsional, em conformidade com valores sociais mais elevados, pressupõe a aceitação ou pelo menos, o conhecimento de tais valores; quer dizer, pressupõe a existência do superego, o ego realiza seu propósito de desviar as moções pulsionais de sua meta puramente sexual e agressiva para finalidades que a sociedade considera mais elevadas.

Freud (1920) complementa que a vicissitude mais importante que um instinto pode experimentar parece ser a sublimação; aqui, tanto o objeto quanto o objetivo são modificados; assim, o que originalmente era um instinto sexual encontra satisfação em alguma realização que não é mais sexual, mas de uma valoração social ou ética superior. Freud (1929), diz ainda, que a sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada.

Vimos portanto que são vários os tipos de defesa que ficam à disposição do ego, mas os fatores que determinam a escolha do método defensivo específico a ser usado pelo ego de acordo Anna Freud (1986), é duvidosa, o recalçamento por exemplo, pode ser valioso no combate aos desejos sexuais, outros métodos podem ser mais eficazes contra forças pulsionais como os impulsos agressivos, outros podem ter a função de completar o que o recalçamento falhou, ou cada mecanismo de defesa é desenvolvido primeiro, para dominar uma moção pulsional específica, estando portanto associado a uma fase particular do desenvolvimento infantil.

A motivação da escolha do método defensivo pelo ego não é clara mas, em contrapartida, Anna Freud (1986) observa que existem fenômenos de defesas que podem ser usados de forma permanente e que podem evoluir para traços de caráter; as atitudes corporais,

como a rigidez; as peculiaridades pessoais, como um sorriso fixo; o comportamento hostil, irônico e arrogante - tudo isso são resíduos de processos defensivos muito vigorosos, no passado, que acabaram por dissociar-se de suas situações originais conflitos compulsões ou afetos e evoluíram para traços caracterológicos permanentes, a blindagem do caráter.

Neste sentido, Freud (1929) afirma que tudo que um dia se formou no nosso psiquismo permanece e vai encontrar uma forma de ser trazido a luz e que na vida mental tudo que uma vez se formou é de alguma maneira preservado e que em circunstâncias apropriadas pode ser trazida a luz. “O que ocorre é que uma defesa perpetua vai se erigindo contra as representações sexuais que reemergem continuamente - ou seja um trabalho que ainda não chegou a sua conclusão” (Freud 1894, p. 60).

Enfim, o aparelho psíquico é abastecido com a energia dos impulsos sexuais, suas exigências colocam a psique em atividade, mas apesar do ego dispor de tantos meios defensivos, não é tão simples lidar com a pulsão, que, de acordo com Freud (1915), atua como uma força constante, impõe exigências elevadas para o sistema nervoso e por ser um estímulo que ataca do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela.

4. OS SINTOMAS

Freud (1915), diz que a psicanálise em seu desenvolvimento histórico, tomou por objeto primeiro as psiconeuroses, ou, mais precisamente, aquelas designadas como “neuroses de transferência” - histeria e neurose obsessiva - e, através delas, chegou à compreensão de que um conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu estava na raiz dessas afecções.

O ego reage de forma defensiva em relação as pulsões, mas como vimos nenhuma fuga é eficaz contra elas, Freud (1929) atribui à abstinência uma outra forma de sofrimento, segundo ele, um papel importante na causação das neuroses pode ser desempenhado pela limitação imposta pela civilização ao campo das satisfações acessíveis e os sintomas conforme Freud (1905) são um substituto de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto que tiveram sua descarga negada pelo recalçamento.

É impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa ‘frustração cultural’ domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos. Como já sabemos, é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar. Também ela fará exigências severas à nossa obra científica, e muito teremos a explicar aqui. Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação um instinto. Não se faz isso impunemente. Se a perda não for economicamente

compensada, pode-se ficar certo de que sérios distúrbios decorrerão disso (Freud, 1929 p.44).

De fato a privação dos instintos trazem consequências, Freud (1923) afirma que um conflito entre dois grupos de tendências mentais, deve ser encarado como o fundamento para a repressão, e, por conseguinte, como a causa de toda enfermidade neurótica, assim, os sintomas constituem um substituto para satisfações proibidas e a moléstia corresponde a uma subjugação incompleta do lado imoral dos seres humanos, e em consequência dessa repressão se tornam patogênicos, isto é, tem êxito em manifestar-se ao longo de caminhos fora do comum, tais como os sintomas.

Dessa forma, de acordo com Freud (1925), o fato do ego resistir e ser capaz de criar defesas, não significa que ele está sendo extremamente eficiente, ao contrário no ato da repressão o ego demonstra força, mas em um ponto específico ele também revela sua impotência e quão impenetráveis a influência são os impulsos instituais do id, pois o processo mental que se transformou em um sintoma, mantém agora a sua existência fora da realização do ego e independente dele. O sintoma aparece

Portanto, os modos de defesa que um paciente emprega contra os seus afetos e a forma de resistência adotada pelo seu ego tem relação com a neurose e uma outra questão importante considerada por Anna Freud (1986) é que existe uma ligação regular entre determinadas neuroses e modos especiais de defesa, e podemos relacionar segundo as várias defesas, os sintomas adjacentes a elas, a histeria por exemplo, se baseia no recalçamento, um neurótico obsessivo utiliza o isolamento como modo defensivo, a identificação com o agressor pode representar uma paranoia.

Nesse aspecto, na histeria, de acordo com Freud (1894), a representação incompatível é tornada inócua pela transformação de sua soma de excitação em alguma coisa somática, a qual ele dá o nome de conversão, que pode ser parcial ou total e opera ao longo da linha de inervação motora ou sensorial relacionada com a experiência traumática. O ego consegue libertar-se da contradição com a qual é confrontado, mas em contrapartida sobrecarrega-se com um traço mnêmico que fica alojado na consciência como uma espécie de parasita e persiste até que ocorra uma conversão na direção oposta.

Já nas obsessões e fobias, Freud (1894) explica que o ego, através do isolamento, rechaça uma representação incompatível e dispõe-se a separá-la de seu afeto, esse afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica, a representação enfraquecida persiste ainda na consciência separada de qualquer associação, mas seu afeto tornado livre liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas e graças a essa falsa ligação tais

representações se transformam em representações obsessivas, Freud (1894), cita um caso clínico: “Certa vez me aconteceu uma coisa muito desagradável e tentei com muito empenho afastá-la de mim e não pensar mais nisso. Finalmente consegui, mas aí apareceu essa outra coisa que não pude me livrar desde então” (Freud,1894, p.59).

Como vimos, a identificação com o agressor pode resultar em uma paranoia, Anna Freud (1986) explica que trata-se de uma combinação de introjeção e projeção, e se torna patológica, quando transportado para a vida de amor, quando um marido desloca para a mulher seus próprios impulsos de infidelidade, e depois a recrimina apaixonadamente como esposa infiel, está realmente introjetando as censuras dela e projetando uma parte do seu próprio id, a sua intenção é proteger-se, não contra uma agressão exterior, mas contra a fragmentação de sua fixação libidinal positiva nela por forças perturbadoras dentro dele próprio, em vez de uma atitude agressiva em relação atacantes externos anteriores, o paciente contrai uma fixação obsessiva na sua esposa, sob a forma de ciúme projetado.

Além do mais, Freud (1920) diz que encontrou aspectos da introjeção na análise da melancolia, afecção que inclui entre as mais notáveis de suas causas excitadoras a perda real ou emocional de um objeto amado, uma característica principal desses casos é a cruel autodepreciação do ego, combinada com uma inexorável autocrítica e acerbadadas autocensuras, as análises demonstraram que essa depreciação e essas censuras aplicam-se, no fundo, ao objeto e representam a vingança do ego sobre ele, a sombra do objeto caiu sobre o ego, aqui a introjeção do objeto é inequivocamente clara.

Portanto, os sintomas tem muito a nos revelar, já que estão intimamente relacionados aos métodos de defesas usados pelo indivíduo, através dos sintomas podemos identificar informações preciosas como a origem das aflições e defesas, como a origem dos sentimento de culpa, angústia, vergonha ou asco e os reais desejos sexuais reprimidos, Freud (1939) concorda dizendo que, o paciente sempre tem razão e que a doença não pode ser desprezada, mas ao contrário, deve ser considerada como um adversário respeitável, uma parte do nosso ser que tem boas razões para existir e que nos garante bons ensinamentos para o futuro.

Assim sendo, conclui Anna Freud (1986), a existência de sintomas neuróticos indica que o ego foi sobrepujado e cada retorno de impulsos recalçados, com seu reflexo na formação de compromisso, mostra que um certo plano de defesa abortou e o ego sofreu uma derrota, mas o ego sai vencedor, quando as suas medidas defensivas atingem seus propósitos, isto é, quando habilitam o ego a restringir o desenvolvimento de angústia e dor, transformando as pulsões de modo que, mesmo em circunstâncias difíceis, uma certa medida de gratificação seja obtida;

assim, se estabelecem as relações mais harmoniosas possíveis entre o id, o superego e as forças do mundo externo.

5. CONCLUSÃO

A intenção deste artigo foi discorrer, a partir da teoria psicanalítica, sobre os mecanismos de defesas, suas principais características e os processos psíquicos envolvidos nos atos defensivos.

Vimos que o ego possui diversos mecanismos de defesa e os usa de forma inconsciente mediante uma situação de perigo enfrentada, verificamos que muitas são as condições que caracteriza uma situação de perigo, e que a causa do sofrimento está relacionada a renúncia do instinto sexual, que se dá pelo fator da necessidade da auto preservação social, e pelo temor da punição do superego.

No entanto, apesar de necessário, entendemos que não é possível privar a satisfação de um instinto impunemente, já que somos seres com uma disposição instintiva original inata para a ruindade, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade, além de sermos dotados de impulsos desejosos sexuais frequentemente da espécie mais grosseira e proibida. Não é fácil aos homens abandonar a satisfação da inclinação desses instintos e por isso deve haver alguma forma de compensação, senão surge o adoecimento como substituto da satisfação original, como uma forma de alívio para todo esse sacrifício pulsional.

O adoecimento ocorre pela impossibilidade do homem ser e agir conforme sua própria natureza seria um sofrimento sanado por uma outra forma de sofrimento, por isso podem nos revelar muito sobre o indivíduo referente a seus desejos e angústia, devendo ser tratado na análise como um aliado, através dos sintomas, podemos identificar os métodos defensivos que estão envolvidos no processo, qual impulso sexual está sendo reprimido e assim chegar nas causas da patologia.

A psicanálise é um instrumento que capacita o ego a conseguir essa progressiva conquista do id, proporcionando o seu fortalecimento e amadurecimento, tornando - o capaz de efetuar defesas mais eficientes, como a sublimação, que é uma excelente forma de compensação, por promover a pulsão sexual uma forma de satisfação digna e contribuir com o bem estar e aprimoramento da sociedade.

Por tudo isso, o tema dos mecanismos de defesa é de extrema importância para a psicanálise no que diz respeito a teoria e a clínica psicanalítica, identificar as ações

inconscientes do ego, analisar os sintomas e os principais medos do paciente, trazendo para a consciência o inconsciente, gera novos insights no indivíduo e por conseguinte autoconhecimento por possibilitar ao indivíduo reconhecer as próprias pulsões perigosas e os mecanismos de defesa que usa contra elas, proporcionando ainda a capacidade dele ter ações, de auto aceitação e auto responsabilização, e condições de atuar de forma consciente diante de todos os conflitos que geram sofrimento.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa (1894) In: FREUD, Sigmund. Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. Um caso de Histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914–1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, Sigmund. Além do princípio e do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. Além do princípio e do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O ego e o ID (1923) In: FREUD, Sigmund. O ego e o ID e outros trabalhos (1923-1925). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Inibições, Sintomas e Angustia (1925) In: FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade (1925-1926). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1929). In: FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931) Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O Compêndio da psicanálise (1939). tradução do alemão de Renato Zwick Revisão técnica e apresentação de Noemi Moritz Kon Ensaio biobibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. – 1 ed.- Porto Alegre, RS: L&PM,2014.

FREUD, Anna – O Ego e os Mecanismos de Defesa, 8ª Ed., Civilização Brasileira, RJ-1986.